

**PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E MEDIAÇÃO DA APRENDIZAGEM****CLINICAL PSYCHOPEDAGOGY AND LEARNING MEDIATION**Rodger Roberto Alves de Sousa. <sup>1</sup>**RESUMO**

Este artigo aborda a Psicopedagogia Clínica como campo de atuação voltado à mediação da aprendizagem, destacando seus fundamentos teóricos, práticas interventivas e desafios contemporâneos. A partir de uma abordagem integrada, discute-se o papel do psicopedagogo clínico na identificação das dificuldades de aprendizagem e na construção de estratégias mediadoras que consideram os aspectos cognitivos, afetivos e sociais do sujeito. O texto enfatiza a relevância da avaliação psicopedagógica como base para intervenções individualizadas, bem como a utilização de recursos lúdicos e terapêuticos para favorecer aprendizagens significativas. Também se analisa a importância da articulação entre família, escola e clínica, reconhecendo a aprendizagem como um processo contextualizado e relacional. Por fim, são discutidos os desafios atuais da mediação da aprendizagem no contexto clínico, evidenciando a necessidade de práticas éticas, reflexivas e alinhadas às demandas educacionais contemporâneas. Conclui-se que a Psicopedagogia Clínica desempenha papel fundamental na promoção do desenvolvimento integral do sujeito e na ressignificação de sua relação com o aprender.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicopedagogia Clínica, Mediação da Aprendizagem, Dificuldades de Aprendizagem, Intervenção Psicopedagógica.

**ABSTRACT**

This article addresses Clinical Psychopedagogy as a field of practice focused on the mediation of learning, highlighting its theoretical foundations, intervention practices, and contemporary challenges. From an integrated perspective, the role of the clinical psychopedagogue in identifying learning difficulties and in developing mediating strategies that consider the cognitive, affective, and social aspects of the learner is discussed. The text emphasizes the relevance of psychopedagogical assessment as the basis for individualized interventions, as well as the use of playful and therapeutic resources to promote meaningful learning. It also analyzes the importance of articulation among family, school, and clinical settings, recognizing learning as a contextualized and relational process. Finally, current challenges in the mediation of learning within the clinical context are examined, highlighting the need for ethical, reflective practices aligned with contemporary educational demands. It is concluded that Clinical Psychopedagogy plays a fundamental role in promoting the learner's integral development and in reshaping their relationship with learning.

**KEYWORDS**

Clinical Psychopedagogy, Learning Mediation, Learning Difficulties, Psychopedagogical Intervention.

<sup>1</sup> rodger.r.a.sousa@gmail.com 1, Centro Universitário Unifatecie. Orcid: 0000-0002-7063-1268.

## INTRODUÇÃO

A Psicopedagogia Clínica configura-se como um campo de conhecimento e atuação voltado à compreensão dos processos de aprendizagem e de suas dificuldades, considerando o sujeito em sua totalidade cognitiva, afetiva, social e pedagógica. No contexto clínico, a aprendizagem é compreendida como um fenômeno complexo, construído a partir das interações do indivíduo com o meio, com o outro e com o conhecimento. Dessa forma, a Psicopedagogia Clínica não se limita à identificação de déficits, mas busca analisar como o sujeito aprende, quais obstáculos interferem nesse percurso e de que maneira a mediação pode favorecer a construção de aprendizagens significativas.

A mediação da aprendizagem constitui um eixo central da prática psicopedagógica clínica, pois pressupõe a intervenção intencional de um profissional que organiza, orienta e potencializa as experiências de aprendizagem do sujeito. Sob essa perspectiva, o psicopedagogo clínico atua como mediador entre o aprendiz e o conhecimento, criando condições para que o indivíduo se aproprie dos conteúdos, desenvolva estratégias cognitivas e ressignifique sua relação com o aprender. Segundo Bossa (2015), a mediação psicopedagógica exige escuta qualificada, compreensão da história escolar e familiar e respeito às singularidades do sujeito, elementos indispensáveis para uma intervenção eficaz.

Autores da área destacam que a mediação da aprendizagem no contexto clínico envolve tanto aspectos cognitivos quanto afetivos. Weiss (2012) afirma que o psicopedagogo deve observar como o sujeito enfrenta desafios, lida com o erro e se posiciona diante das situações de aprendizagem, pois esses elementos revelam a forma como o conhecimento é construído. Nessa direção, a mediação não se restringe à transmissão de conteúdos, mas promove a organização do pensamento, o fortalecimento da autonomia e o desenvolvimento da confiança do aprendiz.

Alicia Fernández (2001), pedagoga de formação, contribui de forma significativa ao compreender a aprendizagem como um ato de autoria, permeado por desejo e significado. Para a autora, a mediação psicopedagógica clínica deve possibilitar ao sujeito se autorizar a aprender, superando bloqueios simbólicos que dificultam o acesso ao conhecimento. Essa concepção amplia o papel do mediador, que passa a atuar também na reconstrução do vínculo do aprendiz com o saber. Rubinstein (2018) destaca que a Psicopedagogia Clínica contemporânea, ao articular mediação da aprendizagem e intervenção clínica, assume um compromisso ético e pedagógico com o desenvolvimento integral do sujeito.

## DESENVOLVIMENTO

### FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA MEDIAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDER

A mediação no processo de aprender constitui um dos pilares teóricos da Psicopedagogia Clínica e da prática educativa contemporânea, pois compreende a aprendizagem como resultado de interações significativas entre o sujeito, o conhecimento e o contexto sociocultural. Nessa perspectiva, aprender não é um ato passivo, mas um processo ativo de construção, no qual a intervenção de um mediador qualificado favorece a organização do pensamento, a elaboração de sentidos e a superação de obstáculos cognitivos e emocionais.

Os fundamentos teóricos da mediação estão fortemente associados às contribuições de Lev Vygotsky, pedagogo de formação, ao enfatizar que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores ocorre por meio da interação social. Para o autor, a aprendizagem mediada antecede o desenvolvimento e possibilita avanços cognitivos quando o sujeito é auxiliado por alguém mais experiente, especialmente na chamada zona de desenvolvimento proximal (VYGOTSKY, 2007). Nesse contexto, o mediador atua como elemento organizador das experiências de aprendizagem, oferecendo suporte, estímulos e desafios adequados ao nível de desenvolvimento do aprendiz.

Complementando essa abordagem, Reuven Feuerstein, com sólida formação em educação e pedagogia terapêutica, desenvolveu a Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural, defendendo que todo sujeito é capaz de aprender, desde que submetido a experiências de aprendizagem mediada intencionalmente organizadas. Feuerstein et al. (2014) destacam que a mediação exige critérios como intencionalidade, reciprocidade, transcendência e significado, os quais permitem ao aprendiz transferir os conhecimentos adquiridos para novas situações, promovendo autonomia intelectual.

No campo da Psicopedagogia Clínica, Alicia Fernández (2001) contribui ao compreender a mediação como um processo que envolve não apenas aspectos cognitivos, mas também afetivos e simbólicos. Para a autora, aprender implica estabelecer um vínculo saudável com o conhecimento, e o mediador desempenha papel essencial ao favorecer a circulação do desejo de aprender, rompendo bloqueios que se manifestam como dificuldades escolares. Assim, a mediação torna-se um espaço de reconstrução subjetiva, no qual o sujeito se reconhece como autor de sua aprendizagem.

Jean Piaget, embora não utilize diretamente o termo mediação, oferece fundamentos relevantes ao afirmar que o conhecimento é construído por meio da interação entre o sujeito e o meio. De acordo com Piaget (1999), o desenvolvimento cognitivo ocorre a partir de processos de assimilação e acomodação, sendo o mediador responsável por propor situações-problema que estimulem o desequilíbrio cognitivo e favoreçam novas estruturas de pensamento.

No âmbito pedagógico brasileiro, Bossa (2015) ressalta que a mediação no processo de aprender exige planejamento, escuta qualificada e compreensão da história escolar do sujeito. A autora defende que o mediador deve articular teoria e prática, respeitando o ritmo de aprendizagem e promovendo intervenções que fortaleçam a autonomia, a autoconfiança e a capacidade reflexiva do aprendiz.

## O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO CLÍNICO COMO MEDIADOR DO CONHECIMENTO

O psicopedagogo clínico desempenha um papel fundamental no processo de mediação do conhecimento, atuando diretamente na compreensão, prevenção e intervenção das dificuldades de aprendizagem. Sua prática está centrada na análise do modo como o sujeito aprende, considerando os aspectos cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos que interferem nesse processo. Nessa perspectiva, a mediação do conhecimento não se restringe à transmissão de

conteúdos, mas envolve a criação de condições favoráveis para que o aprendiz construa sentidos, desenvolva autonomia intelectual e estabeleça uma relação positiva com o saber.

A mediação exercida pelo psicopedagogo clínico pressupõe uma escuta sensível e uma observação criteriosa da história de aprendizagem do sujeito. Bossa (2015) destaca que o mediador precisa compreender as experiências escolares, familiares e emocionais que marcaram o percurso do aprendiz, pois tais vivências influenciam diretamente sua forma de lidar com os desafios cognitivos. Assim, o psicopedagogo atua como um facilitador do processo de aprendizagem, organizando situações que possibilitam ao sujeito refletir, experimentar, errar e reconstruir seus conhecimentos.

Autores da Psicopedagogia Clínica ressaltam que a mediação do conhecimento exige intencionalidade e planejamento. Weiss (2012) afirma que o psicopedagogo clínico deve selecionar estratégias e recursos que respeitem o ritmo, o estilo de aprendizagem e as necessidades específicas de cada sujeito. Essa atuação mediadora contribui para o desenvolvimento das funções cognitivas, como atenção, memória, linguagem e pensamento lógico, além de favorecer a elaboração de estratégias próprias para aprender.

Alicia Fernández (2001), pedagoga de formação, compreende o psicopedagogo como mediador do vínculo entre o sujeito e o conhecimento. Para a autora, muitas dificuldades de aprendizagem estão relacionadas a bloqueios simbólicos que impedem o aprendiz de se autorizar a aprender. Nesse sentido, a mediação psicopedagógica clínica busca ressignificar a relação do sujeito com o saber, promovendo o desejo de aprender e fortalecendo sua autoria no processo educativo.

Rubinstein (2018) acrescenta que o papel mediador do psicopedagogo clínico envolve também o trabalho articulado com a família e a escola, ampliando a compreensão das dificuldades e garantindo maior coerência nas intervenções.

#### AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA E IDENTIFICAÇÃO DAS NECESSIDADES DE MEDIAÇÃO

A avaliação psicopedagógica constitui um processo fundamental para a compreensão das dificuldades de aprendizagem e para a identificação das necessidades específicas de mediação apresentadas pelo sujeito. No contexto clínico, essa avaliação ultrapassa a simples verificação de desempenho escolar, pois busca compreender como o indivíduo aprende, quais estratégias utiliza, quais obstáculos encontra e de que maneira aspectos cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos interferem em seu percurso de aprendizagem.

Segundo Nádia Bossa (2015), pedagoga de formação, a avaliação psicopedagógica deve ser entendida como um processo investigativo contínuo, sistemático e dinâmico, que considera a história de vida, o contexto familiar, a trajetória escolar e as condições emocionais do aprendente. Essa abordagem possibilita ao psicopedagogo identificar não apenas as manifestações das dificuldades, mas também suas possíveis causas, evitando diagnósticos reducionistas ou centrados exclusivamente no erro.

A identificação das necessidades de mediação ocorre a partir da análise cuidadosa das informações obtidas por meio de entrevistas, observações, atividades lúdicas, provas operatórias,

jogos, desenhos e tarefas pedagógicas. Para Weiss (2012), pedagoga e referência na área, esses instrumentos permitem observar os modos de pensar, agir e sentir do sujeito frente às situações de aprendizagem, favorecendo a elaboração de hipóteses diagnósticas que orientam a intervenção mediadora de forma individualizada.

Alicia Fernández (2001) destaca que a avaliação psicopedagógica deve considerar o vínculo do sujeito com o conhecimento, compreendendo a aprendizagem como um processo simbólico e relacional. Dessa forma, identificar necessidades de mediação implica reconhecer bloqueios afetivos, medos, inseguranças e expectativas que interferem no aprender. A mediação, nesse sentido, passa a ser planejada não apenas para sanar dificuldades cognitivas, mas também para ressignificar a relação do sujeito com o saber.

No âmbito teórico, as contribuições de Vygotsky reforçam a importância da avaliação voltada para o potencial de aprendizagem. Ao considerar a zona de desenvolvimento proximal, o psicopedagogo clínico identifica aquilo que o sujeito já realiza de forma autônoma e aquilo que pode realizar com auxílio, definindo, assim, as estratégias de mediação mais adequadas (VYGOTSKY, 2007). Essa perspectiva desloca o foco do déficit para as possibilidades de desenvolvimento, orientando intervenções mais eficazes.

Complementarmente, Feuerstein et al. (2014) enfatizam que a avaliação deve estar articulada à noção de modificabilidade cognitiva, reconhecendo que o funcionamento intelectual pode ser transformado por meio de experiências de aprendizagem mediada. Identificar necessidades de mediação, portanto, significa compreender quais funções cognitivas necessitam ser estimuladas, quais estratégias devem ser fortalecidas e como promover a transferência dos aprendizados para diferentes contextos.

No contexto brasileiro, Bassedas, Huguet e Solé (2016), com sólida formação pedagógica, ressaltam que a avaliação psicopedagógica deve resultar em um plano de intervenção coerente, ético e contextualizado, construído em diálogo com a família e a escola. Essa articulação amplia a eficácia da mediação, garantindo que as estratégias propostas sejam compreendidas e reforçadas nos diferentes espaços educativos.

## ESTRATÉGIAS MEDIADORAS FRENTE ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

As estratégias mediadoras frente às dificuldades de aprendizagem constituem o eixo central da atuação psicopedagógica clínica, uma vez que se organizam a partir das necessidades específicas do sujeito e visam favorecer a construção do conhecimento de forma significativa, progressiva e contextualizada. A mediação, nesse sentido, não se restringe à transmissão de conteúdos, mas envolve a criação de condições para que o aprendente desenvolva autonomia intelectual, confiança e estratégias próprias de resolução de problemas.

De acordo com Nádia Bossa (2015), pedagoga de formação, as estratégias mediadoras devem ser planejadas com base em uma avaliação psicopedagógica criteriosa, considerando os aspectos cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos que interferem no processo de aprendizagem. A autora ressalta que a intervenção mediadora precisa respeitar o ritmo do sujeito, valorizando

suas potencialidades e evitando práticas padronizadas que desconsiderem a singularidade do aprender.

Entre as estratégias mediadoras mais utilizadas no contexto clínico, destacam-se as atividades lúdicas estruturadas, os jogos pedagógicos, as situações-problema e as propostas que estimulam a reflexão sobre o próprio processo de aprendizagem. Weiss (2012) enfatiza que tais estratégias possibilitam ao psicopedagogo observar como o sujeito organiza o pensamento, lida com desafios e mobiliza recursos internos para aprender, permitindo intervenções mais ajustadas e eficazes.

A mediação também se fundamenta na promoção de experiências que ampliem as funções cognitivas básicas, como atenção, memória, percepção, linguagem e raciocínio lógico. Feuerstein et al. (2014) defendem que a aprendizagem mediada favorece a modificabilidade cognitiva estrutural, na medida em que o mediador seleciona, organiza e interpreta os estímulos, ajudando o sujeito a atribuir significado às experiências vivenciadas. Dessa forma, as estratégias mediadoras não se limitam à repetição de exercícios, mas buscam provocar avanços qualitativos no funcionamento cognitivo.

Outro aspecto relevante refere-se à construção de vínculos positivos com o conhecimento. Fernández (2001) destaca que muitas dificuldades de aprendizagem estão relacionadas a bloqueios afetivos, medos e experiências escolares negativas. Assim, estratégias mediadoras eficazes incluem intervenções que promovam a escuta, o acolhimento e a ressignificação do erro, compreendendo-o como parte do processo de aprender e não como fracasso.

No âmbito pedagógico, Bassedas, Huguet e Solé (2016) apontam que as estratégias mediadoras devem dialogar com o currículo escolar, sem perder de vista a função clínica da psicopedagogia. A articulação entre atividades clínicas e demandas escolares contribui para a generalização das aprendizagens e para a transferência dos avanços conquistados no setting terapêutico para o contexto educacional.

A adaptação de materiais, o uso de recursos visuais, a organização do tempo e do espaço e a diversificação de metodologias configuram-se como estratégias mediadoras importantes, especialmente para sujeitos que apresentam dificuldades persistentes. Essas ações favorecem a acessibilidade ao conhecimento e ampliam as possibilidades de participação ativa no processo de aprendizagem.

## RECURSOS LÚDICOS E TERAPÊUTICOS NA MEDIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

Os recursos lúdicos e terapêuticos ocupam lugar central na mediação psicopedagógica, especialmente no contexto clínico, por possibilitarem intervenções que articulam cognição, afetividade e ação. A ludicidade, compreendida como uma forma privilegiada de expressão e aprendizagem, favorece a aproximação do sujeito com o conhecimento, reduz tensões associadas ao fracasso escolar e cria um ambiente propício à construção de sentidos sobre o aprender.

Segundo Nádia A. Bossa (2015), pedagoga de formação, o uso de recursos lúdicos na psicopedagogia clínica não se configura como mero entretenimento, mas como estratégia intencional que permite ao profissional observar o funcionamento cognitivo, as estratégias de

pensamento e os vínculos estabelecidos pelo sujeito com as situações de aprendizagem. Jogos, brincadeiras dirigidas, materiais manipuláveis e atividades simbólicas possibilitam identificar como o aprendente planeja, executa, corrige e avalia suas ações.

Maria Lúcia Lemme Weiss (2012) destaca que os recursos terapêuticos, quando integrados à mediação psicopedagógica, auxiliam na ressignificação das experiências escolares negativas, contribuindo para o fortalecimento da autoestima e da confiança do sujeito em sua capacidade de aprender. A autora enfatiza que a escolha dos recursos deve considerar a idade, o nível de desenvolvimento, as dificuldades apresentadas e os interesses do aprendente, garantindo coerência entre objetivos terapêuticos e estratégias utilizadas.

A utilização de jogos pedagógicos, materiais concretos, histórias, desenhos, atividades gráficas e propostas sensoriais favorece o desenvolvimento de funções cognitivas essenciais, como atenção, memória, percepção, linguagem e raciocínio lógico. Fernández (2001) argumenta que o brincar, no contexto psicopedagógico, permite acessar aspectos inconscientes que interferem na aprendizagem, possibilitando intervenções que integrem emoção e pensamento de forma equilibrada.

No campo da mediação, Feuerstein, Feuerstein e Falik (2014) defendem que os recursos terapêuticos devem ser utilizados de maneira mediada, isto é, com intencionalidade, significado e transcendência. O psicopedagogo, ao mediar o uso desses recursos, orienta o sujeito a refletir sobre suas ações, estabelecer relações e transferir aprendizagens para novas situações, promovendo a modificabilidade cognitiva.

Bassedas, Huguet e Solé (2016) ressaltam que os recursos lúdicos e terapêuticos também favorecem a articulação entre clínica e escola, na medida em que possibilitam intervenções alinhadas às demandas pedagógicas, sem perder o caráter terapêutico. Essa integração contribui para a generalização das aprendizagens e para a ampliação da autonomia do sujeito em diferentes contextos.

#### ARTICULAÇÃO ENTRE FAMÍLIA, ESCOLA E PSICOPEDAGOGO CLÍNICO

A articulação entre família, escola e psicopedagogo clínico constitui um elemento fundamental para a efetividade das intervenções psicopedagógicas, pois o processo de aprendizagem é construído em múltiplos contextos e sofre influência direta das relações estabelecidas nesses espaços. A atuação integrada desses agentes possibilita uma compreensão mais ampla das dificuldades apresentadas pelo sujeito, favorecendo intervenções coerentes, contínuas e contextualizadas.

De acordo com Nádia A. Bossa (2015), pedagoga de formação, a psicopedagogia clínica não pode ser compreendida de forma isolada, uma vez que o aprender se manifesta tanto no ambiente escolar quanto no contexto familiar. Assim, a troca sistemática de informações entre família, escola e profissional clínico permite identificar fatores pedagógicos, emocionais e sociais que interferem no desempenho acadêmico, evitando interpretações fragmentadas ou reducionistas.

A família desempenha papel essencial na constituição dos vínculos com o conhecimento, sendo responsável por grande parte das experiências iniciais de aprendizagem. Weiss (2012) destaca que atitudes familiares relacionadas às expectativas, à valorização da escola e ao acompanhamento das atividades escolares influenciam diretamente a forma como o sujeito se posiciona frente ao aprender. Nesse sentido, o psicopedagogo clínico atua como mediador, orientando a família sobre práticas que favoreçam o desenvolvimento cognitivo e emocional, sem assumir um caráter normativo ou culpabilizador.

No âmbito escolar, Bassedas, Huguet e Solé (2016) ressaltam que a escola é um espaço privilegiado de observação das dificuldades de aprendizagem, uma vez que nela se manifestam as exigências curriculares, as interações sociais e as formas de avaliação do conhecimento. A comunicação entre psicopedagogo clínico e escola contribui para o alinhamento das estratégias pedagógicas, possibilitando adaptações metodológicas e intervenções mais ajustadas às necessidades do aluno.

A articulação entre esses contextos exige uma postura ética e colaborativa, baseada no respeito às especificidades de cada espaço. Fernández (2001) enfatiza que o psicopedagogo deve promover o diálogo entre família e escola, favorecendo a escuta e a corresponsabilização no processo educativo, sem sobrepor funções ou desconsiderar os limites institucionais. Essa mediação contribui para a construção de uma rede de apoio que sustente o sujeito em seu percurso de aprendizagem.

A continuidade das intervenções depende da coerência entre as ações realizadas na clínica, na escola e no ambiente familiar. Bossa (2015) aponta que a falta de articulação entre esses contextos pode comprometer os avanços obtidos no atendimento psicopedagógico, dificultando a generalização das aprendizagens. Dessa forma, reuniões, devolutivas e orientações sistemáticas configuram-se como estratégias essenciais para o fortalecimento dessa parceria.

#### DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA MEDIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA CLÍNICA

Os desafios contemporâneos da mediação da aprendizagem na clínica psicopedagógica refletem as transformações sociais, educacionais e culturais que impactam diretamente a forma como os sujeitos aprendem e se relacionam com o conhecimento. A complexidade das demandas atuais exige do psicopedagogo clínico uma atuação cada vez mais qualificada, crítica e fundamentada teoricamente, capaz de integrar diferentes saberes sem perder o foco na singularidade do aprendente.

Segundo Nádia A. Bossa (2015), pedagoga de formação, um dos principais desafios da mediação clínica reside na heterogeneidade dos perfis atendidos, marcada por dificuldades de aprendizagem associadas a fatores cognitivos, emocionais, sociais e pedagógicos. Essa diversidade demanda intervenções flexíveis e individualizadas, evitando modelos padronizados que não contemplam as especificidades do sujeito. A mediação,

nesse contexto, deve considerar o ritmo, a história escolar e as experiências prévias de aprendizagem.

Outro desafio relevante refere-se ao aumento das queixas escolares relacionadas ao fracasso acadêmico, muitas vezes associadas a práticas pedagógicas pouco inclusivas. Weiss (2012) aponta que a clínica psicopedagógica tem sido cada vez mais procurada para lidar com dificuldades persistentes que poderiam ser minimizadas por meio de estratégias preventivas no contexto escolar. Assim, o psicopedagogo clínico enfrenta o desafio de articular ações terapêuticas com orientações à escola e à família, favorecendo a continuidade das intervenções.

A presença das tecnologias digitais no cotidiano das crianças, adolescentes e adultos também configura um desafio contemporâneo à mediação da aprendizagem. Bassedas, Huguet e Solé (2016) ressaltam que o excesso de estímulos, a fragmentação da atenção e as mudanças nas formas de acesso à informação exigem do mediador novas estratégias para promover a concentração, o pensamento reflexivo e a construção de sentidos. Nesse cenário, o psicopedagogo deve avaliar criticamente o uso de recursos tecnológicos, integrando-os de forma intencional e pedagógica à prática clínica.

Aspectos emocionais e relacionais igualmente se apresentam como desafios significativos. Fernández (2001) destaca que bloqueios afetivos, ansiedade, baixa autoestima e experiências escolares negativas interferem diretamente na aprendizagem, exigindo do mediador sensibilidade para acolher o sujeito e promover a ressignificação do aprender. A mediação clínica, portanto, precisa equilibrar intervenções cognitivas e afetivas, reconhecendo o erro como parte do processo de construção do conhecimento.

A articulação entre clínica, escola e família continua sendo um desafio permanente. Bossa (2015) enfatiza que a ausência de diálogo entre esses contextos pode comprometer os avanços obtidos na mediação psicopedagógica. O psicopedagogo clínico é chamado a assumir uma postura ética e colaborativa, mediando expectativas, orientando práticas e respeitando os limites institucionais de cada espaço.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A psicopedagogia clínica, ao assumir a mediação da aprendizagem como eixo central de sua atuação, reafirma seu compromisso com a compreensão do sujeito em sua totalidade, considerando aspectos cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos que permeiam o processo de aprender. Ao longo do desenvolvimento do presente artigo, evidenciou-se que a mediação psicopedagógica não se limita à superação de dificuldades pontuais, mas busca promover a

construção de sentidos, a autonomia intelectual e a ressignificação da relação do aprendente com o conhecimento.

As intervenções clínicas, quando fundamentadas teoricamente e planejadas de forma intencional, possibilitam avanços significativos no desenvolvimento das funções cognitivas e no fortalecimento da autoestima, contribuindo para trajetórias escolares mais consistentes e inclusivas. A utilização de recursos lúdicos e terapêuticos, aliada a estratégias mediadoras, mostrou-se essencial para favorecer aprendizagens significativas, respeitando o ritmo e as singularidades de cada sujeito.

Destaca-se, ainda, a importância da articulação entre família, escola e psicopedagogo clínico, uma vez que a continuidade e a coerência das ações nos diferentes contextos ampliam a efetividade das intervenções. O diálogo colaborativo entre esses espaços permite intervenções mais integradas e alinhadas às reais necessidades do aprendente.

## REFERÊNCIAS

1. BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. A intervenção psicopedagógica na escola. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.
2. BOSSA, Nádia A. A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.
3. FERNÁNDEZ, Alicia. A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artmed, 2001.
4. FEUERSTEIN, Reuven; FEUERSTEIN, Rafael S.; FALIK, Louis H. Além da inteligência: aprendizagem mediada e modificabilidade cognitiva. Porto Alegre: Artmed, 2014.
5. PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
6. RUBINSTEIN, Edith. Psicopedagogia clínica: teoria e prática. São Paulo: Casa do Psicopedagogo, 2018.
7. VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
8. WEISS, Maria Lúcia Lemme. Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica. 14. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.